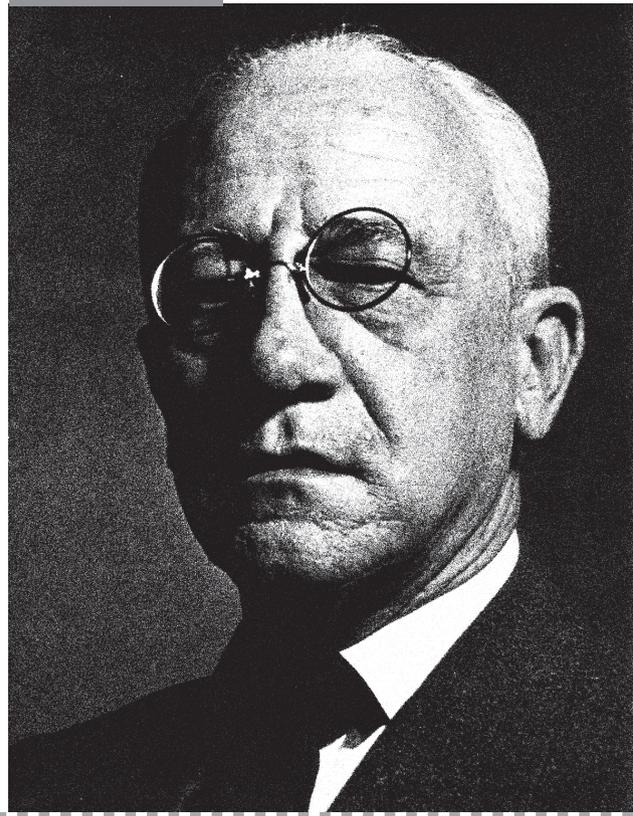




## 1ª PARTE



# Fernando de Azevedo

(São Gonçalo do Sapucaí-MG, 1894 – São Paulo-SP, 1974)

## O nacionalismo e o universalismo na cultura\*

### I

**S**e há eterna infância e juventude nos homens e se riqueza de vida interior realmente a possuem os que não só não perdem as qualidades das fases anteriores da existência, mas a um tempo as conservam e as superam, devem residir na criança e no adolescente que guardamos em nós, a força, a pertinácia e a importância das primeiras impressões das idades ultrapassadas e distantes. Nenhuma presença, de fato, mais envolvente e mais comunicativa do que as recordações da infância. Ainda agora, são essas vozes, cândidas ou ardentes, as primeiras que me falam, no rumor de uma colméia de imagens e de lembranças, e as mesmas que me habituei a ouvir sempre que meu pensamento se voltava para o Itamarati ou acontecia conduzir-me a esta casa o dever de uma cortesia, uma espécie de nostalgia de um convívio nunca experimentado ou a submissão a um desses apelos que constituem uma honra e a que seria um desprimor renunciar. É que, na idade mais sensível ao mistério do tempo, do espaço e das coisas, e em que nos

\* Conferência pronunciada no Ministério das Relações Exteriores, quando da instalação do Instituto Rio Branco. Publicada originalmente na RBEP v. 7, n. 21, p. 421-441, mar./abr. 1946.



parecem ilimitadas as possibilidades de imaginar, de criar e de ver em grande, a vossa carreira – a diplomacia – foi, como a Marinha, uma das que sobre mim exerceram maior sedução, ficando por alguns anos um desses sonhos da adolescência que costumam sugerir as inspirações mais características e fecundas da idade madura.

Os jovens tendem com freqüência a fugir à disciplina e à limitação dos horizontes e procuram, mais ou menos intensamente, dar à sua vida um sentido que a ultrapasse e seja mesmo capaz de revesti-la do caráter de uma missão. Quando, em horas de isolamento, em que o espírito mergulha no passado para atingir as profundidades do nosso ser ou à procura de paz, pela evasão do presente e de nós mesmos, em esforço por compreender o que me despertara e mantinha essa aspiração, parece-me que, em vossa forma de vida e de atividade, o que sobretudo me atraía eram exatamente as perspectivas de viagens, o espírito de aventura e o gosto do desconhecido.

Era esse impulso, romântico e místico, de uma natureza inquieta que me fazia oscilar entre carreiras tão diversas, como a diplomacia e a armada, que julgava, por certos aspectos comuns, me satisfazerem a vocação para a liberdade, o novo e o ideal, com suas promessas de paisagens estranhas e de mundos ignorados, e, portanto, de alargamento de horizonte em todas as direções... Não foi, porém, a despeito desses impulsos, nem à vossa carreira nem à do mar que me levaram as circunstâncias da vida, tão caprichosa nas suas solicitações como o destino nos seus desígnios secretos. Vivendo, na minha pobreza, à margem de uma sociedade desprevenida, amável e galante, inebriada de festas e de prazeres, nunca chegou a interessar-me a tendência de minha geração, apaixonada de literatura e de arte, mas falsamente estética, inclinada, na sua boemia literária, antes a atrair e a seduzir do que a convencer e a lutar, e que, só depois da Primeira Guerra Mundial, foi despertada e impelida para a ação.

Na vida religiosa por algum tempo, como depois do humanismo que é um ponto de vista universal e “um meio de dar à vida humana um conteúdo de eternidade”, refugiara-se então meu espírito atraído por seus pensamentos graves, por seu sentido ecumênico, suas mensagens de paz, seus planos de conquista de almas, seu gosto pela vida interior, suas fugas para o mundo sobrenatural e a sentimento dessa presença tantas vezes sentida, do eterno no ser humano. Somente mais tarde, no termo da guerra de 1914, quando já me havia integrado numa corrente, vigorosa e idealista, imbuída de espírito crítico, penetrada da ciência e da natureza e sacudida para os deveres do pensamento e da ação, um oferecimento expressamente formulado por quem podia fazê-lo, me abria, para a carreira diplomática, o caminho que desejava tomar, mas em que não tardou a surgir um obstáculo de ordem particular e irremovível às minhas antigas aspirações. A lembrança de um sonho de adolescente que, em 1918, quase se realizou na sua plenitude e não podia estar presente no convite com que vos dignastes honrar-me, para vos falar da altura desta tribuna, e essa repercussão prospectiva, tão poderosa, das reações das primeiras idades da vida tinham, pois, de dar ao meu sentimento mais calor e vibração, ao encerrar o ciclo de vossas conferências, como já haviam influído nas minhas simpatias, várias vezes manifestadas por uma das últimas e, certamente, das mais belas criações desta casa – o Instituto Rio-Branco.

## II

Mas, como o Ministério em que se fundou e que, sendo das relações exteriores, é o centro por excelência da cooperação internacional, o vosso instituto de ensino, de cultura e de pesquisas tem ainda para mim, pelas origens e finalidades, uma significação particularmente grata a todos os que não perderam o culto do humanismo, considerado



como um instrumento de libertação. Se entre as quimeras de minha mocidade, atraída muito cedo para mundos desconhecidos, antigos e modernos; se na minha própria experiência religiosa, que tanto contribuiu para desenvolver a idéia de igualdade dos homens, o sentido de catolicidade e a consciência da dignidade da pessoa; se, entre as miragens da ação e as contradições da luta, alguma “constante” existe, superior a todas as contingências de uma força singular, é certamente esse gosto do universal, esse sentido do humano, essa preocupação de restabelecer, sobre as bases de uma nova concepção de vida e de pensamento, o valor e a “atualidade” de uma tradição que se perdeu – a do humanismo, que é, afinal, na justa observação de Estelrich, uma “contribuição indispensável à vida do espírito internacional”. Ora, esse sentimento agudo da complexidade, esse sentido do relativismo histórico, esse espírito de finura, que dá a freqüentação maliciosa da diplomacia, essa pesquisa do universal sob as diferenças que separam e particularizam os povos, essa procura das zonas de concordância, para cortar os conflitos pela submissão de todos à regra jurídica, à moral e à razão, não tendem a desenvolver essa herança prestigiosa do humanismo, sempre renovado e alargado pela experiência e, portanto, a compreensão e a solidariedade humana? Não constituem a essência da função deste Ministério e não residem à base de vossas atividades a crença na compatibilidade dos nacionalismos com o culto do humanismo e a confiança fundada nessa crença de dar ou restituir à ordem internacional uma significação e uma força que a mantenham viva e fecunda e permitam à humanidade, pela coordenação dos interesses e interpenetração das culturas, elevar-se até à civilização universal?

Pois é dentro desse espírito e fiel à tradição ilustre desta casa que Instituto, criado sob a invocação de Rio-Branco, um de seus numes tutelares, não só tomou iniciativa desses cursos, professados por autoridades eminentes, mas entendeu pôr-lhes à

base ou dar-lhes, como coroamento, as reflexões sobre o problema da cultura, nos seus aspectos nacionais e humanos ou das relações do humanismo e do ideal nacional. Problema de suma importância que toca à própria essência da cultura e para o qual vos atraiu a vossa vontade de síntese, cultivada na inteligência das diversidades nacionais e na freqüência dos contatos e das trocas culturais, a que obriga a vossa profissão e que não só constituem ocasiões de tomar consciência de nós mesmos, de nossas singularidades (pois é opondo-nos que nos descobrimos e nos afirmamos), como nos convidam a desprender o universal do contingente e a elevar-nos, pela pesquisa das semelhanças, ao terreno comum em que podem encontrar-se e pôr-se de acordo os homens de todas as épocas e de todas as latitudes. Mas também problema complexo, esse que não pode ser compreendido se a análise do processo de elaboração da cultura não se estender desde as raízes que mergulham na vida da comunidade, tomada em seu conjunto, na variedade de suas forças e de suas instituições, até o esforço criador e sucessivo das livres atividades e iniciativas individuais com que se desabrocha a cultura, como numa esplêndida flor da história, na idéia tão complexa e fecunda da civilização. É, de fato, do papel da comunidade e do indivíduo na elaboração da cultura e das ações e reações entre as manifestações da vida espiritual ou ideológica e as condições da vida social, econômica e política, que nos esquecemos freqüentemente quando estudamos a cultura de um povo – tomada esta palavra não no sentido em que é corrente na antropologia cultural, isto é, o conjunto das reações materiais e sociais de um grupo humano, mas na acepção em que agora a empregamos, de conjunto de valores espirituais e das atividades e conquistas intelectuais, no domínio da filosofia e da ciência, das letras e das artes.

No entanto, os fenômenos culturais que, como os fenômenos físicos, têm suas dependências e condições, estão por tal



modo ligados às formas de vida social e aos demais fenômenos do grupo, religiosos, morais, econômicos e políticos, que somente em face e à luz do sistema social geral é possível compreendê-los nos seus caracteres, nas suas mudanças de ritmo, de sentido e de direção. Se se admite a noção fundamental da interferência dos fenômenos, cada um dos quais reage diversamente sobre os outros, sofrendo de maneira desigual suas influências e repercussões; se os grupos e as instituições estão ligados, numa comunidade, pequena ou grande, étnica ou nacional, para exercerem atividades que são concorrentes e cujos ritmos são ou tendem a ser harmônicos; se é verdade que toda sociedade tem muitos sistemas culturais heterogêneos, mas que se influenciam uns sobre os outros segundo os modos mais diversos, é por certo no corpo social inteiro que é preciso analisar os fenômenos de cultura, esclarecendo-os pelo interior, se se quer compreender os movimentos que agitam suas partes, seu sentido e suas direções. Pois não é exato – para darmos um exemplo – que uma sociedade de tipo feudal tem uma personalidade bem determinada e que as regras do direito, as formas de exploração da terra, o regime de cavalaria, as relações entre os indivíduos e a literatura dos troveiros e dos trovadores dependem estreitamente uns dos outros? Não encontramos no espírito de autoridade, no sistema de relação entre os sexos, no tipo de educação, na submissão à lógica jurídica e às suas fórmulas, no desprezo pelo trabalho manual e pela técnica, no gosto da literatura e da erudição, outros tantos efeitos ou repercussões da estrutura da família brasileira, apoiada na escravidão e formada sob o regime da economia patriarcal? As sociedades industriais modernas não apresentam todas, ao lado de diferenças ligadas às condições especiais de cada meio, traços comuns pelos quais se poderá facilmente reconhecê-las? Parece-me, pois, estarem com a razão os sociólogos que, crendo na ordem profunda dos

fenômenos sociais, não somente num sistema fechado, religioso, doméstico ou técnico, mas igualmente numa sociedade inteira, acham que só a análise de uma sociedade em seu conjunto pode projetar luz bastante sobre qualquer das manifestações da vida social que tomarmos para objeto de nossas pesquisas.

### III

De todas essas manifestações, as mais difíceis talvez de dominar, nas influências que sofrem do meio como nas suas repercussões sobre ele, na seiva que por elas circula de suas raízes embebidas nas tradições locais como no impulso para o universal, pela imensidade do horizonte que as rodeia, são certamente as da cultura – as atividades dessa camada intelectual que se forma acima e fora das classes e se caracteriza pela sua função social, não só de criação e de crítica, mas de difusão, organização e transmissão dos bens e valores espirituais que constituem a herança, sempre ampliada e renovada, de uma sociedade, de um povo, ou de uma nação. É aí, nessas eminências em que, misturando-se indivíduos de todas as classes, se forma uma elite social, mais ou menos densa e às vezes extremamente reduzida, de quantidade e qualidade variáveis, que a cultura, expandindo-se com mais força, constrói e organiza, com suas criações espirituais mais altas, os elementos de sua mobilidade e de seus progressos. É aí, nesse altiplano social, que, numa atmosfera mais livre, se desenvolvem os germens que produzirão os frutos da estação nova; é aí que reinam, na sua plenitude, a eterna inquietação e renovação do espírito, a dúvida fecunda, o desespero secreto da meditação, o culto do pensamento, o gosto da especulação e da pesquisa que levam às descobertas e permitem aos homens passar da simples aceitação passiva de relações já criadas à verdadeira cultura que consiste na “elaboração pessoal de relações originais”. É nesse pequeno setor da vida social,



que trabalham, na obscuridade ou na glória, na liberdade ou sob um regime de opressão, sábios, pensadores e artistas cujas obras transcendem à própria nacionalidade dos criadores e têm assegurada sua significação absoluta na sua universalidade. Mas, em contraposição a essa cultura superior – obra de poucos, por sua natureza –, a que é inerente um princípio aristocrático ou de qualidade e que é elaborada pelas elites do pensamento, cujas atividades se caracterizam pela sua tríplice função social de produzir, de julgar e de transmitir os valores espirituais de um povo, forma-se, nas camadas populares das sociedades civilizadas, uma cultura eminentemente tradicional, de usos e costumes, contos, lendas e canções, práticas sem doutrinas e crenças serra teorias.

Nesse saber vulgar a que hoje chamamos folclore, que é obra coletiva, produzida por longa sedimentação nas camadas populares, acumulam-se sobrevivências de fatos ou resíduos de culturas extintas, conhecimentos e superstições, técnicas e artes, tudo o que se transmite por tradição oral e se articula, na vida social, às suas condições mais primitivas. Resultado de uma acumulação permanente, obra de incessante elaboração em que é tão difícil a pesquisa do individual, nenhuma cultura define melhor o povo do que essa que trabalha suas criações à base do empirismo e do sentimento, sendo ou parecendo ser, todavia, idêntica a todos os homens, apesar de suas extraordinárias diversidades de formas ligadas às diferenças dos povos. Essa diversificação de duas culturas, em países de civilização mais complexa – uma, à base da vida social, a do povo, e outra, a dos criadores –, é um aspecto particular desse mesmo processo de diferenciação social de que resultam a distinção de classes e a formação das elites. Mas, enquanto uma – a cultura popular, em que é tão reduzido o papel do indivíduo – é anônima, espontânea, coletiva, impermeável ou fechada às influências externas e se identifica com a

tradição, a outra, a das elites, a qual tende a apoiar-se cada vez mais nas diferenças individuais, é mais aberta às influências de outras culturas e, por isto mesmo, suscetível de se enriquecer e de renovar-se, de reduzir as forças uniformizadoras da tradição que recua por toda parte em que o trabalho se divide, diante das conquistas do individualismo. Estas camadas superiores podem levar uma vida isolada, desarraigada do elemento social e da vida do povo, como entre nós no período colonial e no império, ou podem, ao contrário, abrir-se às suas influências, sobretudo religiosas, literárias e artísticas, tornando-se então a cultura obra de todo um povo, e a um tempo aristocrática – duplo caráter que é, na observação de Bardiaieff, profundamente inerente às épocas orgânicas.

Assim, pois, quando essa camada cultural não é penetrada pela vida social e pela cultura popular a que se sobrepõe, atinge ao máximo a transcendência das elites em relação à infra-estrutura espontânea; e, quando se abrem possibilidades e tendências à penetração pela vida social e cultura subjacente, abaixa ao mínimo aquela transcendência, como no caso do movimento de literatura e de arte moderna, mais achegada hoje, em nosso país, às fontes populares. É o problema que estudou Bardiaieff, da fusão entre essas camadas e a elite aristocrática, como a que se operou, na Grécia, graças ao contato religioso, e da ruptura e do divórcio entre os criadores e o povo, como na Renascença. As influências da tradição pela qual exprime o temperamento nacional e que dá unidade original à cultura de cada país, se se fazem sentir em linha direta, sobre as próprias elites, depositárias da cultura superior, e que se sucedem e se renovam a cada geração, à maneira de elos de uma cadeia, podem ser exercidas também, de baixo para cima, como a seiva que sobe nas árvores, quer por uma permeabilidade maior das camadas intelectuais às influências da vida popular, quer pela comunhão das massas com a cultura.



Se, pois, o papel da comunidade é fundamental na elaboração da cultura que sem ela não poderia existir, esse papel – porque o esforço que a engendra não pode ser senão o fato de um indivíduo – é diversamente limitado, conforme as condições sociais, econômicas e políticas, em cada época. Os indivíduos, à medida que as condições lhes favorecem a libertação, não são apenas *elementos*, mas agentes e inventores sociais. Com o seu esforço criador, com suas pesquisas e suas descobertas, com o telefone, o cinema, o rádio, a aplicação industrial da energia infra-atômica, e outras, capazes de introduzir inovações que a estrutura da sociedade jamais poderia prever, e de mudar ou precipitar curso dos acontecimentos e da história, o papel dos indivíduos, de alcance revolucionário, não seria comparável a “essas mutações bruscas que fazem surgir formas novas de vida”?

#### IV

Certamente, mais limitado nas sociedades homogêneas e nas épocas de tradição e, portanto, de culto da uniformidade e de horror às diferenças, o papel dos indivíduos não assume essa importância senão nos períodos críticos ou de discussão em que culturas divergentes ou antagônicas se põem em contato numa unidade nacional ou no interior de uma civilização. Se a emancipação progressiva do indivíduo, como pensa C. Bouglé, se explica por mudanças produzidas na estrutura social e, especialmente, pela formação, no interior das sociedades, de grupos diversos, cujo entrecruzamento favorece a diferenciação de valores, essa libertação da pessoa humana e essa expansão individualista, tomam novo impulso nos períodos críticos que permanecem necessários ao progresso e implicam uma ruptura ou um abalo na tradição. Os grandes movimentos, de ebulição intelectual, não se realizam nas idades em que impera a tradição, que é estática, por definição,

e se caracteriza pela resistência ao movimento e pela ausência de iniciativa, mas nessas épocas em que, sob a pressão de fatores múltiplos se estabelecem contatos, trocas e conflitos entre culturas diferentes e se chocam com os padrões antigos, elementos culturais novos, rejeitados quase sempre à primeira tentativa de introdução e afinal assimilados ou repelidos, conforme as reações mais ou menos intensas em que revela o poder das forças em presença, tradicionais e renovadoras. É, segundo as variações do jogo de forças e de culturas de diversas naturezas, de sua oposição, colaboração e concorrência, que se ordenam os momentos de efervescência coletiva, de comunicações fecundas entre os indivíduos e de circulação de culturas. Os contatos de heranças culturais diferentes, as misturas de correntes sociais e de civilizações e a difusão, que é a fonte precípua de toda a dinâmica cultural, constituem, por certo, o fator mais importante dessas transformações que se operam e de que resulta a passagem de uma forma social que implica antes de tudo a tradição, para essas ‘sociedades de cooperação, heterogêneas e diferenciadas, que admitem o livre exame, o espírito crítico e a discussão.

Na variedade de influências coletivas com que se alarga o campo às intervenções individuais e se abre o caminho à apreensão e à criação do universal, é fácil distinguir pela sua importância esses fenômenos de trocas, de contribuições mútuas e de interpenetração de cultura. Por maior que seja a resistência às inovações, opostas pela tradição e variável conforme as estruturas sociais que reagem diversamente umas sobre as outras e sofrem de maneira desigual as influências exteriores, nunca se produzem fenômenos dessa natureza sem que se operem concentrações de energias esparsas, transformações mais ou menos profundas no conteúdo e na concepção de cultura e nas relações entre a cultura e a personalidade. Foi assim na Grécia, cuja civilização nutrida dos mais diversos elementos orientais, encontrou sua época de esplendor na



Atenas democrática, aonde afluíam, como num estuário, povos e culturas diferentes, assimiladas e ultrapassadas pelo gênio grego; foi assim em Roma, quando, vencedora da pequena península em que se desabrochara, com as ciências e as artes, a mais bela flor da civilização, se deixou penetrar das influências e seduções poderosas do povo vencido; foi assim na Idade Média em que às universidades, fundadas pelos papas para serem centros de cristandade e de uma sociedade universal, acudiam professores e estudantes de quase todos os países europeus e em que, sob o influxo do cristianismo, se desenvolveu o espírito de catolicidade. Foi assim na Renascença com os humanistas, quando as descobertas dos manuscritos, gregos e latinos, lhes abriram, ao clarão da lâmpada antiga, mais largas perspectivas para o mundo. As repercussões, entre nós, das idéias dos enciclopedistas na organização do Seminário de Olinda, em 1798; a influência da Revolução francesa na revolta liberal de 1817 e na proclamação da Confederação do Equador, em 1824; quase todos os movimentos literários, desde o Romantismo até as correntes modernas; o germanismo da Escola de Sergipe e as idéias positivistas dos fundadores da República, e todas as influências, americanas e européias, que desde a primeira guerra mundial se cruzam mais intensamente e se entrelaçam, disputando-se a primazia, não esclarecem, no impulso que adquiriram e nas oposições que suscitaram, esses problemas ligados com a inércia e a dinâmica da cultura?

## V

A cultura, que é um fenômeno próprio das aglomerações urbanas, tende sempre a difundir-se transbordando dos limites estreitos da cidade em que se concentra, para se estender, com a formação dessas individualidades históricas a que chamamos nações, diferenciando-se de uma para outra, mesmo no interior de uma civilização.

As cidades foram sempre e permanecem os principais focos de cultura, nas suas mais elevadas manifestações espirituais. A razão, em que colocamos a expressão mais alta de nossa personalidade, é sob a influência da vida e das concentrações coletivas que se desenvolveu, constringindo cada um a tender à objetividade e à universalidade. Não foi em Atenas e em Roma – para lembrar somente duas cidades antigas – , nestes Estados-Cidades, que a cultura atingiu o mais alto grau, alargando-se para esse sentido humano da vida que impelia Sócrates a considerar-se “cidadão do mundo” e dilatava, até à visão de uma sociedade universal, o pensamento de Cícero, sem perder, mas antes acusando os caracteres peculiares aos dois povos? Certamente, ao culto do pensamento puro, ao sentido da beleza, à ordem, à proporção e medida, à justeza e flexibilidade da forma adaptada exatamente ao que ela quer exprimir, ao espírito de finura e ao gosto da precisão – uma “invenção” dos gregos, como mostrou Bergson e que sem eles “nunca talvez teria aparecido no mundo” –, a todas essas qualidades do gênio grego, opõem os romanos, ainda através das pesquisas de pura elegância, tão discretamente dissimuladas sob a gravidade do pensamento, qualquer coisa de sólido, de duro, de resistente, ou, para dizer tudo, de camponês senão mesmo de plebeu, que caracterizava esse povo de agricultores e soldados. Mas, sob essa qualidade rústica, essa perseverança obstinada, com a qual traz o romano consigo não uma brilhante e múltipla erudição, mas três ou quatro grandes sulcos até o seu termo, como a nitidez no ataque, a economia de palavras, o rigor no argumento, uma total ignorância das habilidades e das elegâncias, sob essa robusta mentalidade em que se ganhava em saúde e em solidez o que se perdia em nuances e em colorido, a cultura romana, tão marcada como a dos gregos, com seus caracteres e suas singularidades, já não se dilatava, como a planta à procura de luz, para a civilização universal a que serviu e em que se



incorporou com suas criações originais no plano moral, jurídico e político?

A formação das nacionalidades, cuja unidade surgiu, como um resultado histórico, da fusão progressiva de populações e províncias, línguas e costumes, concorreu mais recentemente não só para acelerar esse processo de alargamento de cultura a comunidades mais vastas, como também para marcar, pelas fronteiras mais ou menos fechadas, as idiossincrasias das culturas particulares, opondo-as umas às outras. Sejam quais forem os fatores determinantes da nação – a raça ou maior homogeneidade de composição étnica, a língua, a força organizadora das dinastias, as conveniências geográficas, a unidade de religião, a comunidade de interesses, de lembranças e de tradições –, que todos eles contribuíram, em proporções variáveis, para a formação tão recente, mas largamente preparada no curso da história, das unidades nacionais, é certo que esses e outros poderosos agentes de unificação, fundindo as culturas urbanas e alargando, dentro de fronteiras, as influências de uma cultura nacional, orgânica e homogênea, não serviram menos para fazer prevalecerem as diferenças sobre as semelhanças, entre nações e as suas respectivas culturas. A língua, por exemplo – organismo vivo, produto social e histórico, de elaboração coletiva, tão freqüentemente utilizada, por isso, como fundamento ao princípio das nacionalidades –, se a analisarmos na sua estrutura íntima, isto é, no que ela revela sobre a mentalidade, as concepções e os sentimentos dos povos que a empregam, é uma espécie de marca de fábrica imposta pela natureza aos diferentes agrupamentos étnicos ou nacionais de que ela forma um dos caracteres distintivos. Incomparável fator de assimilação, no interior das comunidades nacionais, a linguagem tende naturalmente a ser uma barreira entre elas; a não ser para aqueles que, por seus conhecimentos, são capazes de sobrepujá-la. Certamente nos países abertos à circulação normal de estrangeiros,

como de suas mercadorias e de suas idéias processa-se uma transformação constante da cultura, no interior das unidades nacionais, não só pelas possibilidades criadoras e pela atividade autônoma desses povos, como por empréstimos de outros elementos culturais, por migrações e por misturas dos povos portadores desses elementos. As singularidades e idiossincrasias, ligadas ao meio físico, à mistura de sangue e, portanto, aos temperamentos nacionais, e à formação social e histórica governam, porém, a limitação desses contatos e determinam a aceitação ou rejeição de numerosas influências externas.

Mas todo o movimento de expansão cultural, resultante de uma nova concepção de vida e de cultura em que, como numa síntese, se dissolveram os antagonismos, importa, por sua natureza, num progresso no sentido da colaboração e da compreensão entre cidades e regiões de um país, entre povos no interior de uma civilização ou entre civilizações diversas. É um fenômeno constante, embora mais facilmente observável nos períodos críticos, esse da difusão da cultura, dentro de uma nação ou de uma para outra, não através de aspectos de certo modo transitivos, mas de realidades fundamentais. A tendência a ultrapassar as fronteiras, a respirar os quatro ventos do espírito – tendência variável conforme as épocas – provém, sobretudo, dessa necessidade de colaborar e de comunicar, que se estende da cidade à região, da região ao país inteiro e, acima das fronteiras, a outras nações, apesar da diversidade de línguas e fortes oposições internas. Compreende-se que esses contatos e trocas culturais sejam mais freqüentes entre povos aparentados uns com os outros, como os latinos, todos de origem muito misturada, cuja língua saiu de Roma e que se pretendem co-herdeiros da tradição, ou essas sociedades nacionais, cujo conjunto constitui a família ou o bloco ocidental e que são mais ou menos aproximadas por filiação a partir de uma fonte comum e por contatos ou influências prolongadas. Essas sociedades,



quando as comparamos umas com as outras, verificamos que guardam, de fato, dentro de um círculo de civilização, numerosos traços comuns, predominando sobre traços diferenciais das diversas psicologias nacionais. Mas, apesar de resistências mais vivas, essas influências dispersas, porém fecundas, sempre se fizeram sentir, desde ou tempos antigos, entre civilizações diferentes, como a oriental, mais sutil e refinada, a ocidental, de pensamento mais racional e claro, e a africana, mais rude com seu estilo particular, de uma poderosa originalidade, em cujo interior Leo Frobenius descobriu, entre os etíopes e os hamitas, uma oposição semelhante à que exprime o dilema Oriente-Occidente, a saber, que os primeiros são místicos que se submetem ao mundo e se perdem no cosmos e os segundos, muito mais conscientes de sua existência pessoal, se separam do mundo e a ele se opõem, como os europeus, para dominá-lo. A precisão que, para Bergson, como há pouco vos lembrava, foi “invenção” dos gregos, continua a ser o privilégio de uma certa parte da humanidade; e é talvez porque se mantém imprecisa, que não entrou em contato com a nossa, a inteligência oriental, por mais brilhante que seja... Mas, a despeito dessas oposições, ainda nos períodos em que se mantiveram obscuras e em sistemas mais ou menos fechados, as civilizações européias, asiática e africana permutaram influências, refletindo suas imagens como os corpos, por suas radiações invisíveis, insensíveis sobre a retina, a que os físicos chamavam luz negra, imprimem constantemente sua imagem um sobre o outro, mesmo quando colocados numa completa obscuridade...

## VI

A cultura, pois, quer entendida no conceito antropológico, isto é, todo o modo de um grupo humano, quer tomada no seu sentido restrito e de nosso ponto de vista ocidental, como a descoberta e a valorização

da pessoa humana, o domínio e a utilização das forças naturais e a transmissão consciente dos valores e das conquistas espirituais através de gerações (*o time-binder*, de Korzybski), está sempre marcada pelo caráter de cada povo, que é uma função de sua história, de suas tradições e de seus ideais. A cultura, na observação de Warner Jaeger, em *Paideis*, é um agente plástico que se aplica do modo imediato sobre o indivíduo, mas pressupõe sempre um substratum social e tem uma finalidade superindividual ou coletiva. Ao lado das diferenças que fazem de cada um de nós uma personalidade irreduzível, não é possível desconhecer os traços que nos são comuns a todos e pelos quais cada um de nós pertence, na própria humanidade, a um povo que tem o seu gênio e sua cultura tradicional. Toda sociedade supõe um fundo comum a todos os seus membros e a sensibilidade própria de cada um dos indivíduos que a compõem pode certamente modificar esse fundo, mas não suprimi-lo. A ironia, o *humor*, o sentido do cômico, o ideal do *gentleman* e o *fairplay*, dos ingleses, o seu bom senso e respeito à tradição, essa desconfiança para com o pensamento racional e as construções puramente lógicas, que sempre lhes parecem suspeitas, o seu experimentalismo e a sua submissão aos fatos; a gravidade do alemão, o seu sentido do trágico, o seu espírito geométrico e de sistema, sua paixão pela obediência, a sua habitual adoração pelo chefe, pela disciplina e pelo uniforme, sua tendência mística, tão perigosa na política, e sua musicalidade que, na justa observação de Ludwig, “sobe dos elementos místicos da natureza e tem ajudado a fortalecê-los”; a devoção cavalheiresca do francês pela liberdade, seu forte individualismo, o culto da inteligência, o gosto da análise e o espírito de finura, sua tendência para as idéias gerais, os grandes princípios e para “tudo que se concebe muito clara e distintamente” e que se prende ao racionalismo, uma das manifestações particulares salientes do espírito francês; não são traços distintivos e fundamentais, ligados às mentalidades particulares desses povos, tão diferenciados no interior do



círculo de uma mesma civilização, e pelos quais se pode facilmente reconhecê-los e compreender-lhes as respectivas culturas, nos seus caracteres próprios, na resistência a certas inovações, nos seus conflitos internos e nas suas tendências?

Mas, se o conjunto desses traços, elementos ou ideais que caracterizam e pelos quais se exprime a mentalidade de cada povo, penetra as diferentes culturas, imprimindo-lhes um cunho nacional e distinguindo-as, portanto, uma das outras, há elementos que, ao contrário, tendem a fundi-las, pelas camadas mais altas, e que se baseiam na experiência, na unidade fundamental ou nas conquistas do espírito humano. Ao lado do nacionalismo, o universalismo, como tendências diferentes e aparentemente opostas. As pesquisas, verdadeiramente fecundas, realizadas para a análise do “nacional” na cultura, isto é, dos traços e ideais que fazem prevalecer as diferenças sobre as semelhanças, devem ser, pois, acompanhadas da investigação metódica do “universal”, dos traços e tendências que fazem preponderar as semelhanças sobre as diferenças entre os grupos sociais. Todas as culturas, por mais diversas que sejam, magnificamente limitadas, quando atingem um alto nível nas suas criações, contribuem por esse modo, em proporções variáveis, para a civilização, em cuja estrutura inicial ou básica se misturam, no Ocidente, a idéia da missão e o sentido da vida interior, herdados dos israelitas, o culto do pensamento puro que lhe veio dos gregos, e o sentido jurídico e político dos romanos. É exatamente em consequência dessas diferenças específicas dos povos e de suas culturas, e, portanto, da diversidade de tipos intelectuais que as sociedades se esforçam por realizar e da variedade e riqueza de suas contribuições originais, proveniente de todos os pontos do horizonte, que têm sido tão notáveis, em todos os setores, os progressos para a civilização universal, constantemente enriquecida nas fontes mais diversas. Através de gerações sucessivas, em todos os povos e nas mais variadas

formas de civilizações, corre a civilização universal como um rio milenar que se esconde às vezes. para ressurgir depois, nos sumidouros das idéias bárbaras; que se aperta nas gargantas ou se precipita nas cachoeiras, das guerras e revoluções, mas se desenvolve, entre dificuldades e acidentes, alimentado por outros rios mais ou menos densos, nascidos em fontes diversas, e que acrescentam a força das concepções e das descobertas novas ao volume regular do curso das águas.

Esse acervo ou resíduo de universalidade, proveniente de todas as culturas nacionais e que constitui o fundo comum, cada vez mais rico da civilização universal, não está apenas ligado ao acréscimo incessante de conquistas e verdades adquiridas, mas à própria natureza humana – agente da cultura e matéria em que ela trabalha – e que, em essência, permanece idêntica através dos tempos, sob a extrema variedade de seus tipos éticos e mentais. A capacidade de difusão de certas tendências pelos povos mais diferenciados, sob a pressão da vida e das condições coletivas mostra a persistência desse fundo comum, tão pouco investigado, através da multiplicidade das formas de cultura e de civilização. Não é, de fato, a identidade fundamental do espírito humano que explica, por exemplo, as oscilações periódicas, em sociedades tão diferentes, entre os dois pólos do romantismo e do classicismo, ligados à luta que existe no interior de todo o espírito, sempre que esteja dotado de um fundo vital exuberante, e do qual, se nele triunfam a medida e a norma, nasce uma obra clássica tanto mais bela quanto mais rebelde tenha sido a matéria trabalhada? Demais, se na variedade de formas de inteligência se encontram espíritos mais sensíveis às sugestões do ambiente, tocados do *genius loci*, que vivem e se inspiram do meio, para penetrá-lo e compreendê-lo, ou procuram galvanizar as formas locais das culturas tradicionais, como entre nós, Euclides da Cunha, na literatura, e Almeida Júnior, entre os pintores, outros revelam, como Joaquim Nabuco e Rui Barbosa



tendências mais universalistas, com seus “impulsos para horizontes ilimitados, para as idéias gerais e as largas visões de conjunto. Mas, em todo o caso, nas próprias obras dos grandes criadores de valores, de tradições e de tipos sociais e humanos, como Homero e Virgílio, Dante e Shakespeare, Cervantes, Racine, Goethe ou Dostoiewski; nessas obras geniais que se diriam escritas *sob espécie aeternitatis* e que valem na medida em que “aproximam o homem do tempo do homem da eternidade”, não se observam tão marcados, apesar da riqueza de seu conteúdo humano, os caracteres da época e do meio em que foram criadas, e tão viva a luz das atmosferas, em que se banharam, das mais diversas culturas?

## VII

Essas duas correntes, igualmente sociais – a que se transpõe ao primeiro plano, na hierarquia dos valores, os fins nacionais, e a outra, que nos leva a subordinar a estes ideais os fins humanos ou antes a harmonizá-los –, tão longe estão de se oporem, por sua natureza, que se completam, na evolução do pensamento. De fato, no mundo contemporâneo, como acentua Paul Fauconnet, “cada nação tem o seu humanismo que se reconhece no fundo de seu próprio espírito”. Se há civilizações que nos impelem antes ao humanismo, seja o de fundo religioso, das sociedades cristãs, seja o da Renascença, pelo retorno à tradição antiga, o de inspiração romântica, como o que se inaugurou no século 19, em conseqüência das viagens e explorações, ou de espírito racional e científico, da civilização atual, outras fazem triunfar na cultura os ideais nacionais, deslocando para estes o seu centro de gravitação. Ao ideal que implica uma idéia de totalidade e de síntese e se opõe, portanto, à idéia de especialização e de particularidade que se esforça por ultrapassar; a esse ideal que nos leva a ver os outros

homens entre nós e a reencontrar-nos neles, a considerar-nos “concidadãos de todo o homem que pensa”, segundo o famoso verso de Lamartine, ou cidadãos do mundo, na velha aspiração de Sócrates, pode, portanto, ajuntar-se ou contrapor-se, conforme os casos, sob a pressão das forças coletivas, o ideal nacional que tende, nas suas formas agressivas, a sobrepor ao homem o cidadão, a impelir a nação a alimentar-se de sua própria substância, recusando-se aos contatos e às trocas culturais, e a procurar, dobrando-se sobre si mesma, a coesão interna e a homogeneidade do grupo, num regime de autarquia e de isolamento mantido pela exaltação do sentimento nacional. Foi o que se observou em alguns países, como entre outros, na Alemanha, na Itália e no Japão, com suas tendências fascistas, no período que mediou entre as duas guerras mundiais. A preponderância do universalismo sobre o nacionalismo, ou deste sobre aquele, depende, pois, das forças de que, no momento dado, o ideal, o “social” dispõe, do impulso histórico que o dirige, do estado das instituições econômicas e políticas no meio das quais opera, e da maneira porque são grupadas ou se dividem as correntes de pensamento e de opinião, em cada sociedade, numa época determinada.

Mas, se, para a compreensão de problema tão complexo; é preciso acompanhar o jogo dessas forças e instituições sociais, cuja ação, lenta e constante, desprende pouco a pouco no homem da natureza o homem da cidade, no homem da *polis* o cidadão, e no cidadão o homem universal, não é menos necessário verificar em que condições são possíveis os fluxos e refluxos dessas duas correntes, os movimentos de exaltação e de depressão que sofrem o nacionalismo e o universalismo, no curso da história. Esses diversos movimentos não tomam, aos nossos olhos, toda a sua importância real, a não ser quando analisamos e conseguimos penetrar as causas que os fizeram nascer ou lhes favoreceram a propagação. A passagem do



cosmopolitismo ao ideal nacional, e do nacionalismo ao ideal humanístico, ligase a fatos e condições especiais, cujo estudo, retomado várias vezes, espera ainda resultados mais vastos, fundados em análises mais profundas. Todos, no entanto, concordam em pensar que os movimentos de idéias e os modos de comunicação que evoluíram paralelamente em função uns dos outros; o surto de doutrinas e de religiões, de tendências universalistas, como o cristianismo, tão vigorosamente impelido pelo espírito ecumênico ou de catolicidade; a mistura de raças e de culturas; a difusão das idéias democráticas e do racionalismo científico e tecnológico, são outros tantos fatos que concorreram para o desenvolvimento do humanismo, de fundamentos diversos é nos aspectos sucessivos que, nele, historicamente se podem distinguir. Para os que não compreendem a vida e o poder das idéias e não sabem acompanhar sua repercussão sobre os fenômenos econômicos e políticos e a influência destes sobre as idéias, não será fácil a apreciação, no seu conjunto, dos esforços e das obras próprias a assegurar o acordo e a harmonia entre os homens, e dos meios próprios a preparar o homem para receber essas obras e conquistas do espírito humano. Pode bem ser que as idéias dependam das necessidades e de sua satisfação, mas nem por isso elas existem menos; e essas forças, ora refreadas ora em sua livre expansão, não é possível ignorá-las.

Nas rotas de migrações em que os povos são estimulados pelo intercâmbio de mercadorias como de conhecimentos, abrem-se e alargam-se perspectivas para o cosmopolitismo, pela interpenetração de raças e de raças de cultura e, portanto, pela difusão de idéias. O intercâmbio e a mistura de padrões culturais na antiguidade mediterrânea, em que se acenderam, em Atenas e em Roma, os focos de duas grandes tradições literárias; a expansão do cris-

tianismo, cujas universidades na idade média, destinadas a todos os europeus, floresceram sob a proteção da Igreja, que não conhecia fronteiras; a emigração para a Itália, dos sábios bizantinos, depois da tomada de sua capital pelas hordas turcas; o movimento da Renascença, em que o espírito ocidental se achegou, para renovar-se, às fontes da cultura antiga que pretendeu rejuvenescer; as viagens de exploradores e naturalistas no século 19; o êxodo de sábios, pensadores e artistas, acossados de seus países, pelas guerras e revoluções, e que encontraram, em nações, como o México e os Estados Unidos, não só refúgio mas as condições favoráveis a seus trabalhos e pesquisas; as missões científicas e técnicas que cruzam os ares e os oceanos em todas as direções, para levarem a outros povos seu espírito e seus métodos, mostram como sempre foram fecundas para o humanismo as migrações, o intercâmbio comercial, os contatos e a difusão de culturas diferentes, a circulação de estrangeiros ilustres e o saber que disseminaram, estimulando, como o antagonismo de tendências rivais, a vitalidade de outros povos e provocando suas reações criadoras. Em razão mesmo dessa intensificação da vida internacional que reside à base do humanismo e lhe favorece a expansão, pode acontecer também, como já se observou entre 1918 e 1939, que as nações, ao invés de se abrirem às trocas econômicas e culturais, se esforcem, ao contrário, por concentrar-se sobre si mesma, a fim de melhor se, afirmarem em sua independência e originalidade. Na crise pela qual passou a cultura individualista e de que o misticismo e o nacionalismo foram a dupla manifestação, o Fausto moderno procurou a alma mediável no “messianismo” das pátrias. Mas, se com a criação das ideologias nacionais, a explosão dos nacionalismos abalou tão profundamente vários países, em dois continentes, não chegou a atingir senão superficialmente, e através de resistências pertinazes, os povos americanos.



Em nosso país, como nos Estados Unidos, a formação secular do povo, à base de uma constante miscigenação, de raças e de culturas, o processo de democratização social que daí resultou, e o “sentido nacional” do brasileiro que se formou, em conseqüência, como observa Gilberto Freyre, “temperado por uma simpatia tão larga pelo estrangeiro que importa em universalismo”, constituíam um sistema de garantias contra a irrupção e a preponderância do nacionalismo exagerado sobre as tradições tendenciais universalistas.

## VIII

Em conseqüência das descobertas científicas e das invenções, como das vitórias dos democráticos, parece-me que essas tendências já se acentuam por toda parte e se inaugura uma nova época de humanismo em que tudo conspira para fazer desabrocharem, na cultura, as idéias e crenças universais. As transformações que ocorreram, no tempo de nossa geração, como o automóvel, o cinema, a aviação, e o rádio e, mais recentemente, a utilização industrial da energia intra-atômica, de aplicações difíceis de prever, e que importam num maravilhoso progresso das técnicas de transporte e de comunicação de idéias, tenderão a encurtar cada vez mais as distâncias, aproximando povos e culturas, e alargando o caminho à civilização universal. O livro, o cinema, o rádio e a televisão propagam de cada país e por todas a parte todas essas inquietações e angústias, alegrias e esperanças, às quais sábios e artistas, escritores e políticos, emprestam uma voz para as fazerem concorrer à transmissão e à conservação do que constitui em nós a humanidade. O que se afigurava pura utopia, como a formação de um sistema de segurança internacional, uma moeda comum de curso geral na América ou mesmo em todos os países, uma língua universal, já passou do reino das quimeras para o das cogitações

graves nos conselhos dos povos que concorrem ou aspiram a contribuir eficazmente, num regime de liberdade e de justiça social, para a reedificação da cultura democrática.

Nunca, em qualquer época da história, se adquiriu consciência tão viva da série de progressos tanto materiais como morais e intelectuais, realizados pela humanidade no seu conjunto, num sentimento tão profundo do alcance de todas essas transformações técnicas e econômicas que, modificando a mentalidade, prepararam uma nova concepção de vida e de cultura, criam novos valores sociais e instalam por todos os países, apesar das diferenças, e oposições, novas formas de convivência humana. E se à base desse novo humanismo reside a ciência, não será somente pelo prestígio de suas descobertas, e pela esperança de descobertas mais altas, nem somente porque, tendendo cada vez mais à especialização, faz por isso mesmo realçar a necessidade e desenvolver o espírito de cooperação. É sobretudo por ser o espírito científico um método geral de pensamento, de cuja difusão e vitória se pode esperar essa união dos espíritos que dobra o poder de uma nação e alarga cada vez mais o campo da civilização universal: “Por mais diferentes quanto a doutrinas e crenças que possam ser homens vindos de todos os pontos do horizonte intelectual, a aceitação dessa mesma disciplina do espírito, escreve Francisque Vial, forma, de fato, um terreno sólido de verdades adquiridas sobre o qual podem encontrar-se e pôr-se de acordo”.

Seja qual for o ponto de vista em que nos colocamos para apreciá-las, não é possível desconhecer a importância e a difusão dessas tendências positivas da nova era que acharam a fórmula precisa e corrente no espírito científico, nos seus métodos e nas suas verdades fundamentais. É por isso que, para um filósofo como Léon Brunschvicz, o problema do humanismo não se pode não somente resolver mas nem mesmo pôr, a não ser que comecemos por meditar longamente a herança de sinceridade, de precisão e de profundidade que o feliz esforço da ciência



conquistou para nossos filhos. Para aqueles, porém, que, julgando não cultivar a ciência, senão o espírito de análise que a produz, não esperam possa ela constituir uma armadura ideal, própria a sustentar uma síntese orgânica do pensamento; para aqueles que entendem, apoiados na idéia de Frobenius, que, tendo passado, no curso dos séculos, da emoção e da participação, ao conhecimento e ao espetáculo, convém ao homem, se ele quer compreender-se a si mesmo, fazer o caminho inverso, do pensamento para a emoção, da análise para a intuição, a aproximação de círculos de civilizações tão diversas, como o africano, o asiático e o europeu, poderá abrir, com as oportunidades de contatos mais íntimos de culturas, relativamente assimiláveis, um largo campo de observações, capazes de nos darem respostas a essas e outras questões. É possível, com efeito, perguntar se a humanidade, no ocidente, não padece de um abuso de análise de um respeito exagerado das idéias claras, e em que medida, uma civilização, como a oriental, tão rica de sentido poético e religioso da vida e que entreviu a ação de forças obscuras de que perdemos o segredo, poderá modificar a mentalidade racionalista e positiva do ocidente ou transformar-se sob suas poderosas influências. Pela primeira no mundo se põe a um tempo, e em todos os continentes, o problema do contato e do conflito dessas duas grandes civilizações, de natureza, vitalidade e atividade muito diferentes, que têm de reagir fortemente uma sobre a outra, quando postas em presença ou misturadas pela conquista, pelo desenvolvimento do comércio e das técnicas ou mesmo simplesmente pela difusão dos meios mais modernos de expressão e de comunicação de idéias. Talvez o homem de nosso tempo, “sorvendo na sua própria fonte as inspirações originais do espírito ocidental”, venha a tentar o esforço de lhes renovar o poder, combinando-as ao fogo do pensamento, com a vasta matéria fornecida pela experiência oriental.

## IX

Mas, a todos esses problemas de contatos e aproximações internacionais, de trocas e relações entre tipos de civilização, nenhuma instituição pode ser mais sensível do que este Ministério, em que a idéia de cooperação é erigida em sistema e uma de cujas funções é exatamente a de ativar a colaboração internacional, em todos os domínios, e favorecer, por esta forma, a mútua compreensão dos povos. Pela natureza de vossas atividades que vos obrigam a contatos diretos e frequentes com as realidades estrangeiras e a confrontos das mais diversas experiências, estais, de fato, em condições especiais para apreciar melhor o papel considerável do elemento internacional na cultura das elites e nas instituições do ensino superior, como o vosso Instituto, de criação ainda recente; apreender, com mais segurança, através de diferenças profundas, a vida comum da humanidade, que nunca foi mais rica, mais intensa, mais solidária do que em nossos tempos; observar se as grandes correntes históricas do leste para o oeste retomaram sua marcha, deslocando, como já parece a alguns, da Europa para a América, o centro de cultura ocidental, e seguir o pensamento humano através de suas formas e evoluções, marcar-lhes as partes caducas e a ascensão progressiva para maior clareza, amplitude e compreensão. Por mais viva, porém, que seja a sensibilidade de vossas antenas para captar através do contingente o universal e o sentido da nova civilização, é no amor de nossa família particular – fração ponderável e, para nós, a mais querida da grande família humana – que continuarão a alimentar-se as nossas energias e a procurar inspirações nas nossas atividades. A palavra grega que ainda repercute em nossos ouvidos, quando nos interrogamos sobre nossos deveres sociais – “o mais seguro dos oráculos é defender sua pátria” – , sempre se juntou à voz da América e à do mundo para orientarem nossos embaixadores e ministros, como o Barão do Rio-Branco, em quem tão intimamente



andavam associadas a idéia da universalidade que lhe ditou os princípios gerais e os métodos e o sentimento profundamente nacional que o levou a aplicá-los em defesa de nosso país, na solução pacífica de seus problemas de fronteiras. Bela e fecunda, na verdade, quase sem desmaios, é a lição secular que se desprende da vida, das atividades e do espírito tradicional desta casa, pelo seu respeito à razão e pelo seu culto da

justiça e do direito, de que foi o intérprete mais completo esse admirável homem de Estado, cujo descortínio, na frase de Euclides da Cunha, “depois de engrandecer-nos no espaço, engrandeceu-nos no tempo”; que fez da decisão arbitral uma religião e cujo amor ao Brasil se alargava para esse ideal humano que, nas suas próprias palavras, não era “o da formação de dois mundos rivais, mas de um só mundo unido”.